

Contas Económicas da Silvicultura 2013

Em 2013, o Valor Acrescentado Bruto da Silvicultura aumentou 6,0% em volume e 8,7% em valor

Em 2013, o Valor Acrescentado Bruto da Silvicultura aumentou 6,0% em volume e 8,7% em valor, comparativamente com o ano anterior, mantendo a tendência de crescimento observada desde 2009. Para esta evolução foram determinantes os acréscimos na produção de Madeira (+6,7%) e de Cortiça (+6,0%), decorrentes de variações positivas, quer em volume, quer em preço. Em 2013, a madeira para tritar registou o valor de produção mais elevado da série. Neste ano, destaca-se ainda o aumento em volume da Florestação e reflorestação de rendimento regular (+14,9%), devido, sobretudo, a replantações de eucalipto.

1. Nota de apresentação sobre a nova base das Contas Económicas da Silvicultura (base 2011)

O Instituto Nacional de Estatística divulga os primeiros resultados das Contas Económicas da Silvicultura (CES) para o período 1986-2013, na nova base de contas (base 2011). Esta nova base das CES substitui a base 2006 e é consistente com a base 2011 das Contas Nacionais Portuguesas (CNP), divulgada em 29 de agosto de 2014, que incorporou as alterações metodológicas decorrentes da adoção do Sistema Europeu de Contas (SEC 2010).

Esta mudança de base das CES determinou revisões significativas em alguns resultados, refletindo alterações metodológicas específicas, tais como a reclassificação das ajudas ao produtor florestal, de acordo com o SEC 2010, e a apropriação de informação atualizada proveniente de algumas fontes relevantes (como a Informação empresarial simplificada (IES), o Inquérito anual à produção industrial (IAPI) e o Inquérito ao emprego).

Em conformidade com as orientações técnicas do Eurostat, foram adicionalmente revistos alguns conceitos base de rubricas das CES, em particular o conceito de "Preços no produtor" e de "Serviços silvícolas e de exploração florestal".

Para uma melhor compreensão das alterações metodológicas efetuadas na implementação da base 2011 das CES, é apresentado no final do destaque um conjunto de notas metodológicas detalhadas.

2. Principais resultados para 2013

As CES reportam informação estatística que pretende caracterizar economicamente as atividades de Silvicultura e de exploração florestal que antecede, na fileira produtiva, a transformação industrial de madeira, de cortiça e de outros produtos da floresta. Assim, as CES contemplam a produção de matérias-primas como a madeira e a cortiça, de plantações florestais e de outros serviços silvícolas, entre os quais se destacam os serviços de exploração florestal.

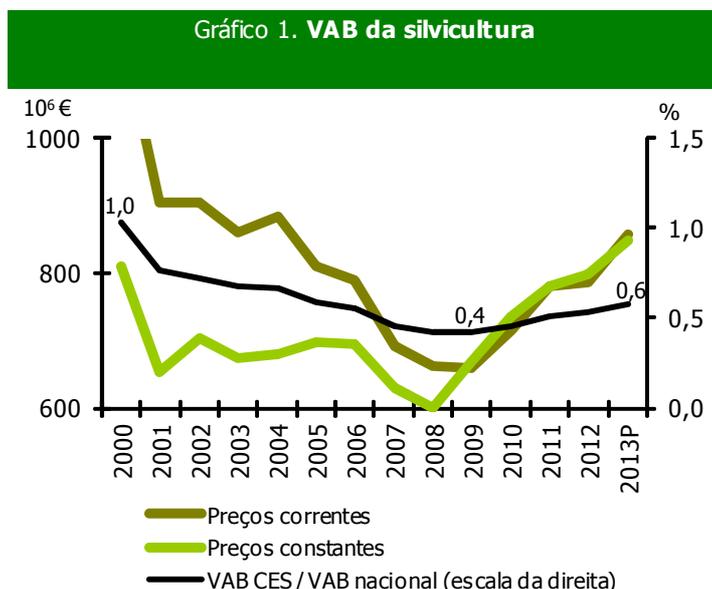
Neste capítulo são analisadas, para 2013, as principais rubricas das CES: Valor Acrescentado Bruto (VAB), Produção, Consumo intermédio, Ajudas pagas ao produtor, Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e rendimento da atividade.

Os resultados apresentados neste destaque têm uma natureza final até ao ano 2012 e provisória para o ano 2013, em articulação com as CNP, tendo incorporado informação disponível até ao dia 19 de junho de 2015. No portal do INE, na área de divulgação das Contas Nacionais (secção das Contas Satélite) estão disponíveis quadros detalhados com as séries retrospectivas.

2.1 VAB da silvicultura aumentou 6,0% em volume e 8,7% em valor

As atividades silvícola e de exploração florestal desenvolvidas em Portugal, durante o ano de 2013, geraram um VAB superior ao do ano anterior em cerca de 6,0%, em termos reais. Esta evolução do VAB foi determinada pela conjugação do aumento, em volume, da Produção (+4,3%) e a relativa estabilização do Consumo intermédio (+0,3%). Para o acréscimo nominal do VAB (+8,7%) contribuiu a variação positiva da Produção em valor (+5,5%), reforçada pela redução nominal do Consumo intermédio (-2,0%).

O VAB da silvicultura registou uma diminuição contínua entre 2000 e 2009, ano a partir do qual se observa uma inflexão com acréscimos anuais sucessivos. Com efeito, observou-se um crescimento médio anual de 6,1% em volume e 6,8% em valor, nos últimos quatro anos da série em análise.



Igualmente com acréscimos anuais sucessivos desde 2010, o peso relativo do VAB da silvicultura no VAB nacional passou de 0,4% em 2009 para 0,6% em 2013, apresentando uma tendência de aumento de importância na economia nacional, embora ainda aquém do observado entre 2000 e 2004.

2.2 Produção da silvicultura aumentou 4,3% em volume e 5,5% em valor

O aumento nominal registado na Produção da silvicultura (+5,5%), relativamente a 2012, foi consequência de acréscimos na produção de Madeira (+6,7%), de Cortiça (+6,0%) e de Serviços silvícolas (+2,9%). Estas evoluções decorreram de variações positivas de volume e dos respetivos preços.

Gráfico 2. Índices de volume da Madeira e da Cortiça
2000=100

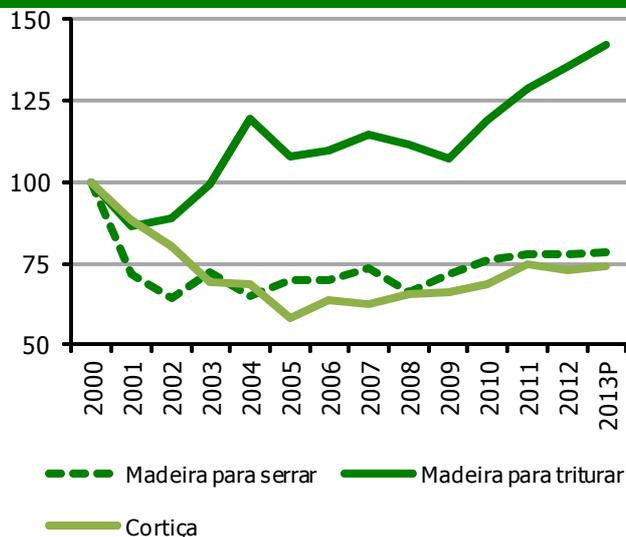
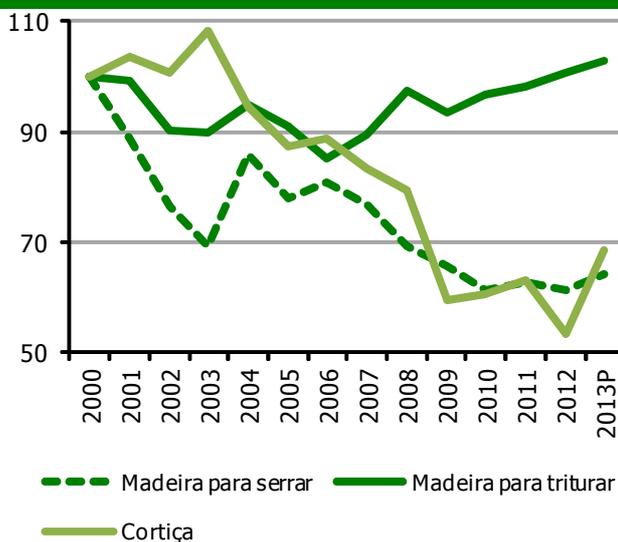
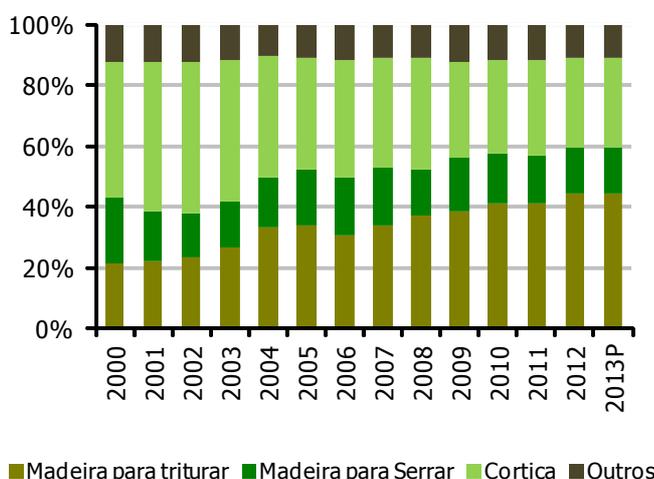


Gráfico 3. Índices de preços da Madeira e da Cortiça
2000=100



Em termos estruturais, a madeira para triturar constituiu o produto florestal mais relevante, representando, em 2013 (ano de maior importância relativa na série), 44,6% da produção de bens florestais. A tendência de acréscimo do seu peso relativo manteve-se desde 2008, em detrimento da produção de cortiça, a qual representou, em 2013, 29,1% do total.

Gráfico 4. Produção de Madeira e Cortiça
(evolução da estrutura da Produção a preços correntes)



2.2.1 Produção de madeira aumentou 3,7% em volume e 6,7% em valor

Em 2013, a produção de madeira registou aumentos, quer em volume (+3,7%) quer em valor (+6,7%), refletindo variações positivas da produção de madeira para serrar e da madeira para tritar.

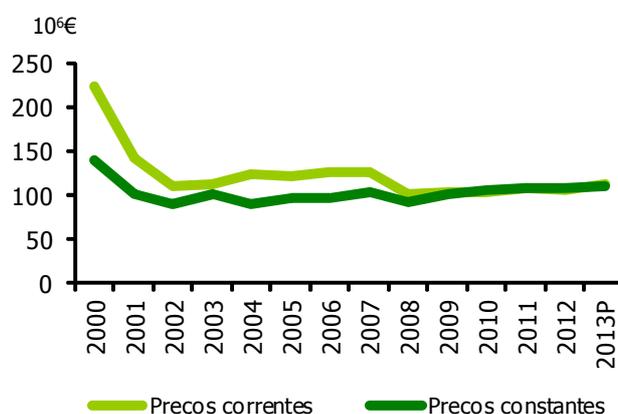
Madeira para serrar

A madeira para serrar, utilizada pelas indústrias de serração e, numa fase posterior da fileira produtiva, pela indústria de mobiliário, corresponde, sobretudo, a madeira de espécies florestais resinosa, das quais se destaca o pinheiro bravo.

Estima-se que a produção desta madeira tenha apresentado um acréscimo nominal de 5,4% em 2013, em resultado de um aumento dos preços (+4,9%), dado que o volume não variou significativamente (+0,4%). O aumento dos preços em 2013 está relacionado com a escassez de oferta da madeira de pinho, em resultado da redução de povoamentos de pinheiro bravo causada pela incidência de incêndios e pela redução de plantações. Por outro lado, o aumento da transformação de madeira para energia, nomeadamente *pellets*, tem originado um aumento da procura de madeira de pinheiro bravo.

De facto, após um pico de produção no ano 2000, este tipo de madeira decresceu em valor até 2003, ano a partir do qual apresentou alguma estagnação. Esta diminuição da oferta é justificada, entre outros motivos, pelos incêndios (particularmente em 2003 e 2005, que penalizaram a floresta de pinho) e a crise no setor da construção, com reflexos na atividade das serrações.

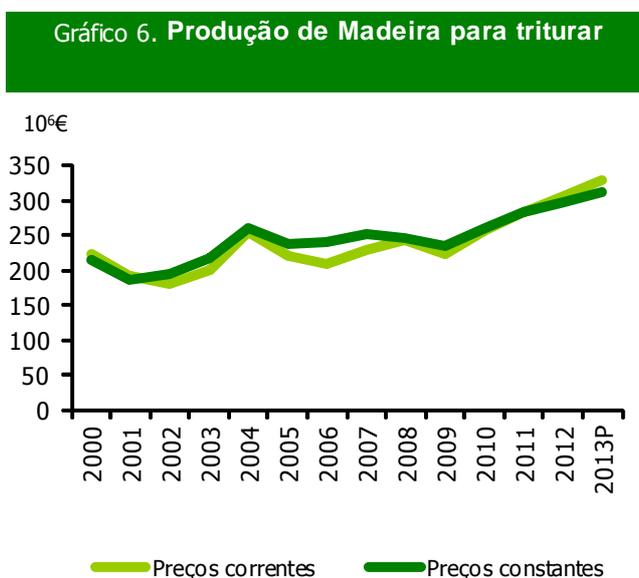
Gráfico 5. Produção de Madeira para serrar



Madeira para tritarar

A madeira para tritarar está vocacionada para utilização final na indústria de pasta de papel, na produção de madeira com fins energéticos (*pellets*, *briquets*) e no fabrico de aglomerados. Corresponde a madeira de espécies resinosas e folhosas, sendo de destacar o eucalipto e o pinheiro bravo como as mais relevantes.

A produção deste tipo de madeira apresentou, em 2013, um acréscimo nominal de 7,6%, refletindo variações positivas do volume (5,1%) e do preço (2,4%). Analisando os últimos anos, verifica-se que a produção de madeira para tritarar registou, desde 2009, acréscimos reais e nominais sucessivos, sobretudo em resultado do aumento da capacidade produtiva da indústria de pasta de papel. Contrariamente à madeira para serrar, os preços têm registado uma tendência de crescimento desde 2006.



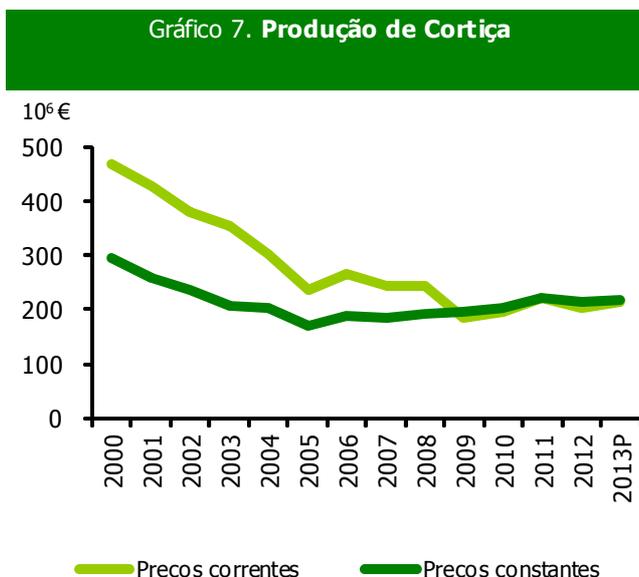
2.2.2 Produção de cortiça aumentou 1,9% em volume e 6,0% em valor

Em 2013, a produção de cortiça apresentou um acréscimo nominal de 6,0%, como consequência de aumentos, quer em volume (+1,9%), quer em preço (+4,0%).

Comparativamente ao ano anterior, em que se observou retenção de cortiça na árvore, o ano de 2013 caracterizou-se por um ligeiro aumento da extração, com acréscimo dos preços no produtor e, simultaneamente, por uma diminuição das vendas à indústria, determinando um incremento dos *stocks* no produtor.

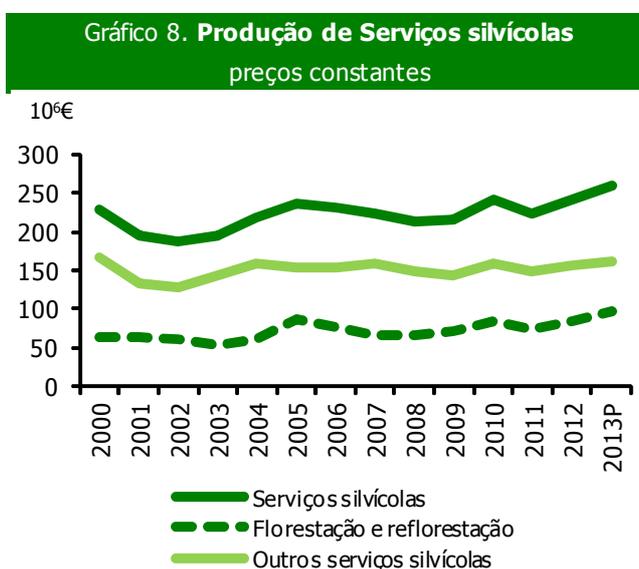
Entre 2000 (ano de grande extração e preços elevados) e 2005 registou-se uma redução significativa da produção de cortiça, não voltando a ser alcançado um nível semelhante. A partir de 2005, registou-se um aumento da produção em

volume, embora a tendência para subida do preço só tenha começado a fazer-se sentir desde 2009. Refira-se que a última década tem revelado algum dinamismo na indústria de transformação, através da diversificação de produtos à base de cortiça (como, por exemplo, calçado ou carteiras), para além das tradicionais rolhas e material de isolamento térmico e acústico.



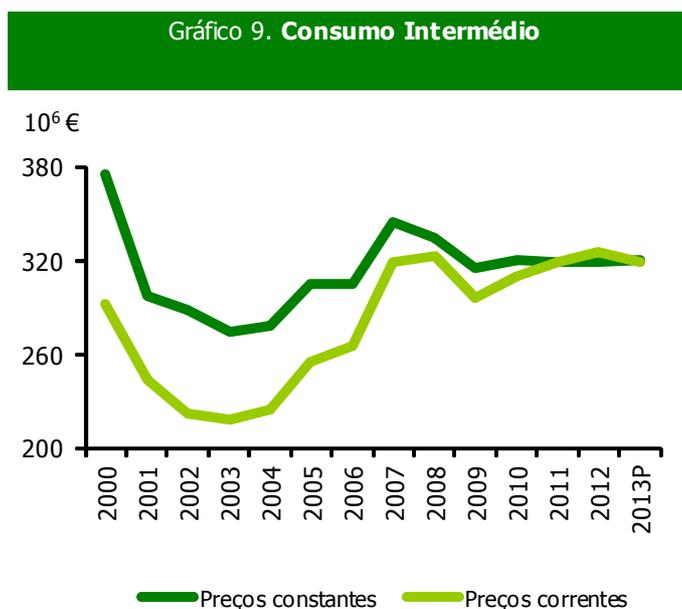
2.2.3 Produção de serviços silvícolas aumentou 7,4% em volume e 2,9% em valor

A produção de Serviços silvícolas e de exploração florestal engloba a Florestação e reflorestação de rendimento regular e Outros serviços silvícolas e de exploração florestal. Esta produção apresentou, pelo segundo ano consecutivo, um acréscimo, quer em termos nominais (+2,9%), quer em termos reais (+7,4%). Para estas evoluções contribuíram, essencialmente, os aumentos em volume da Florestação e reflorestação de rendimento regular (+14,9%) (sobretudo replantações de eucalipto) e dos Outros serviços silvícolas e de exploração florestal (+3,7%).

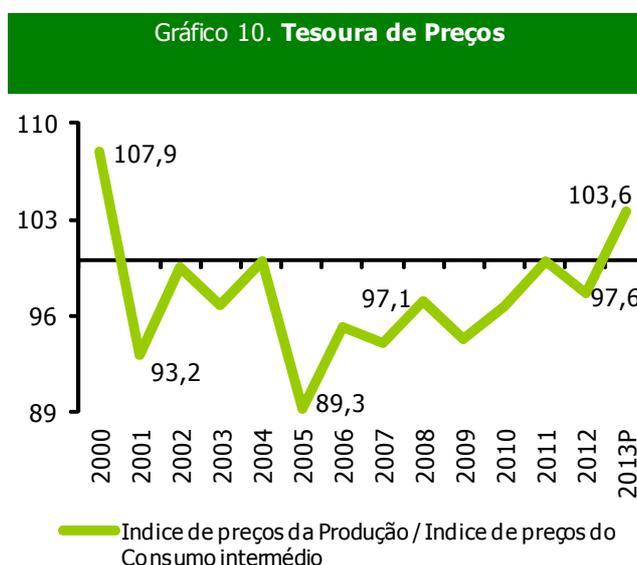


2.3 Consumo intermédio decresceu 2,0% em valor, apesar do acréscimo nominal da produção

Apesar dos acréscimos real e nominal da produção em 2013, o Consumo intermédio evoluiu de forma desigual, tendo praticamente estabilizado em volume (aumento de 0,3%) e decrescido 2,0% em valor, sendo de salientar o decréscimo do volume e preços da energia e lubrificantes e dos preços dos serviços silvícolas.



O peso relativo do Consumo intermédio face à produção (CI/Produção) tem vindo a diminuir desde 2008, ano em que atingiu o valor de 32,8%, perfazendo 27,2% em 2013, traduzindo uma situação mais vantajosa para o produtor florestal. Este comportamento do Consumo intermédio decorreu de uma descida dos preços das despesas correntes (-2,3%) que, conjugada com o aumento dos preços da Produção (+1,2%), favoreceu o VAB da atividade, situação que não se verificava desde 2000.

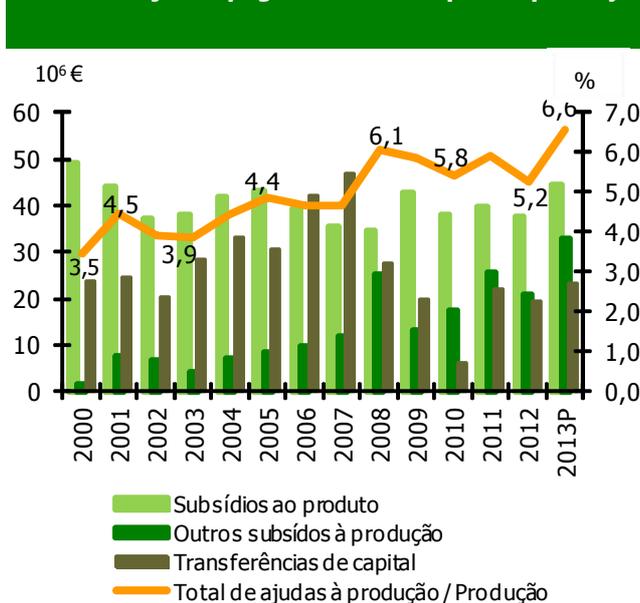


2.4 Ajudas pagas à atividade silvícola aumentaram 29,1%

As ajudas pagas ao produtor florestal registaram, em 2013, um acréscimo significativo (+29,1%) na sequência de aumentos verificados nos três tipos de apoios considerados: Subsídios aos produtos, Outros subsídios à produção e Transferências de capital.

A Taxa de apoio à Produção (rácio Total de ajudas pagas à produção/Produção) atingiu o valor mais elevado da série (6,6%), mais 1,4 p.p. que em 2012 e mais 3,1 p.p. que em 2000.

Gráfico 11. Ajudas pagas e Taxa de apoio à produção



2.5 FBCF aumentou 9,8% em volume e 10,3% em valor

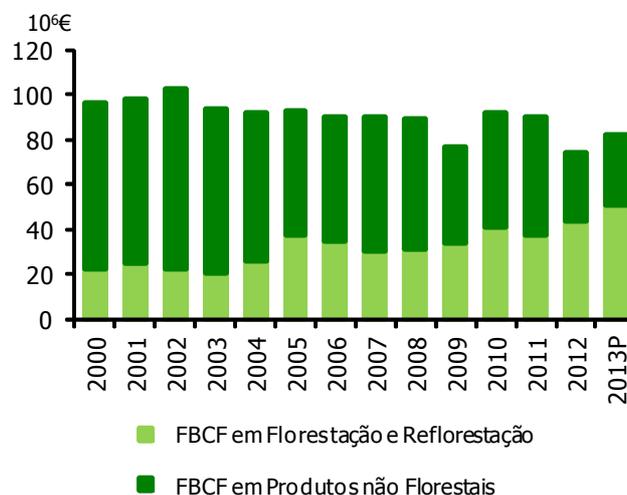
A FBCF registou acréscimos em 2013, quer em termos reais (+9,8%) quer em termos nominais (+10,3%), em consequência do aumento em volume e preço.

Porém, o aumento verificado na FBCF em Florestação e Reflorestação¹ (+15,8%) foi muito superior ao apresentado pela FBCF em produtos não florestais² (+2,0%) e deveu-se, por um lado, a maiores despesas de plantação (e manutenção) de sobreiros e de replantações de eucalipto e, por outro, a um acréscimo do subsídio à Florestação e Reflorestação (+18,4%).

¹ Plantações de sobreiro, de pinheiro manso e de eucalipto.

² Bens de equipamento, construção, etc..

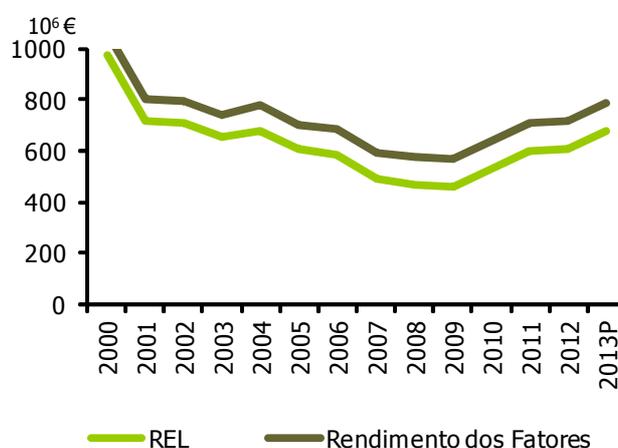
Gráfico 12. FBCF
(preços correntes)



2.6 Rendimento dos fatores e rendimento empresarial líquido aumentaram 9,4% e 11,0%, respetivamente

Em 2013, o Rendimento dos fatores e o Rendimento empresarial líquido (REL) da silvicultura e exploração florestal registaram crescimentos nominais de 9,4% e 11,0%, respetivamente, em consequência dos aumentos do VAB e dos Outros subsídios à produção. Estes indicadores do rendimento da atividade têm vindo a aumentar desde 2009, mas mantêm-se ainda aquém dos valores alcançados no ano 2000.

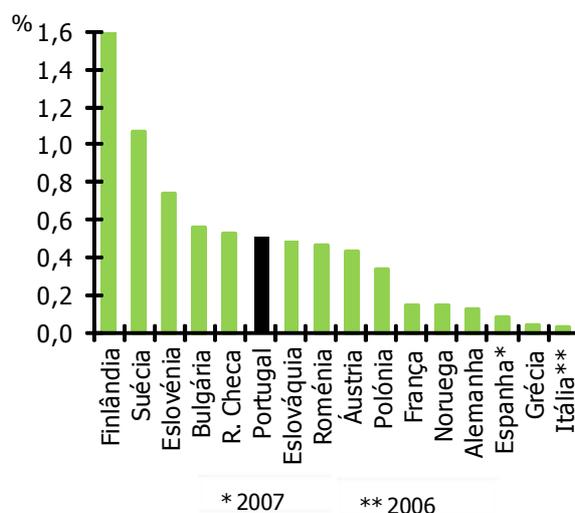
Gráfico 13. Rendimento dos Fatores e REL



3. Comparações internacionais³

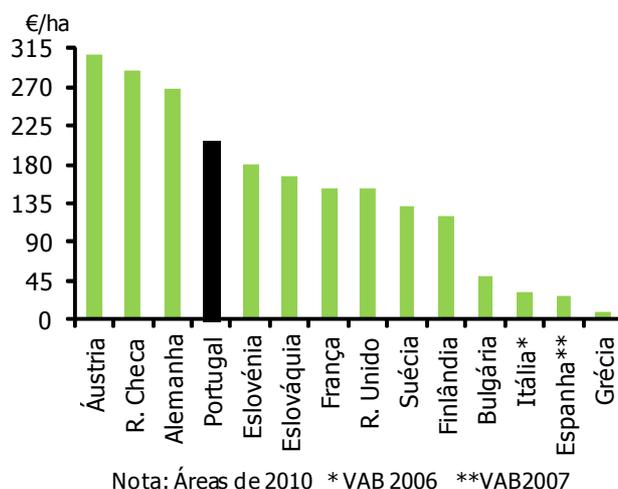
Comparativamente a outros Estados-Membros da União Europeia, constata-se que o peso relativo do VAB da silvicultura e exploração florestal no VAB total da economia em Portugal (0,5%) é inferior ao da Finlândia (1,6%), país detentor de uma extensa floresta, superando o de países com características mediterrânicas como Espanha, Grécia ou Itália.

Grafico 14. VAB da Silvicultura/VAB nacional por EM 2012



Relativamente ao VAB da silvicultura e exploração florestal por unidade de área de floresta, observa-se que Portugal se encontra posicionado em 4º lugar, num total de 14 países com informação, situando-se imediatamente a seguir à Alemanha e ultrapassando a Finlândia (país com o maior VAB nesta atividade) e os países mediterrânicos.

Grafico 15. VAB da Silvicultura/Área de floresta por EM 2012



³ Dados extraídos da base de dados do Eurostat a 23 de junho de 2015 (data da última atualização: 10 de abril de 2015).

4. Notas metodológicas

4.1 Referências metodológicas

Para além do SEC 2010, as CES têm por referência técnica obrigatória o “Manual das Contas Económicas da Agricultura e Silvicultura 97 (Rev. 1.1)”, edição de 2000, Eurostat.

Recentemente, as CES foram integradas, ao nível do EUROSTAT, num quadro global de informação económica e ambiental da floresta, designado por Contas Integradas Ambientais e Económicas da Silvicultura (*Integrated environmental and economic accounting for forests*; <http://ec.europa.eu/eurostat/data/database>), cujo conteúdo será, no futuro, alargado a outra informação estatística florestal.

4.2 Conceitos

Preço no produtor (CES): Preço da madeira em pé ou da cortiça na árvore, equivalendo aos preços da produção de madeira e cortiça nas CES.

Preço de base: Preço no produtor adicionado dos subsídios aos produtos e deduzido dos impostos sobre os produtos.

Subsídios aos produtos (CES): Correspondem a ajudas à florestação e são contabilizados no valor da produção, dado que esta é valorizada a preços de base.

Outros subsídios à produção (CES): Não estão diretamente relacionados com o volume de produção, sendo sobretudo atribuídos a ações de promoção da competitividade florestal, a serviços de apoio às empresas e para compensar a perda de rendimento do produtor florestal nos primeiros anos de florestação.

Rendimento dos fatores: Para a formação do Rendimento dos fatores são deduzidos ao VAB o Consumo de capital fixo e os Outros impostos sobre a produção e são adicionados os Outros subsídios à produção.

Rendimento empresarial líquido: Para a formação do Rendimento empresarial líquido, são deduzidos ao Rendimento dos fatores as Remunerações, as Rendas e os Juros a pagar, e são adicionados os Juros a receber.

Transferências de capital (CES): Ajudas que têm como objetivo suportar ações de investimento na atividade silvícola.

4.3 Cálculo do Crescimento das Florestas

A série de CES tem subjacente a metodologia de cálculo do Crescimento das Florestas (o qual contribui para a estimativa da Produção e do VAB da Silvicultura) desenvolvida pela antiga Direção Geral dos Recursos Florestais e que teve como referência o Inventário Florestal Nacional 1995-98. A atualização dos resultados desta metodologia será possível através da incorporação de novos dados do Inventário Florestal Nacional atualmente em curso (IFN 2012).

4.4 Nova base de contas (base 2011)

A 29 de agosto de 2014, o INE publicou os primeiros resultados de uma nova série de Contas Nacionais, tendo 2011 como ano base. A elaboração destas contas passou a ter como manual metodológico de referência o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais 2010 (SEC 2010), que estabelece uma metodologia consistente, sistematizada e detalhada para a sua compilação, garantindo a comparabilidade internacional dos resultados.

O processo de implementação da base 2011 das CNP pressupõe a adaptação das Contas Satélite à mesma, nomeadamente as CES. Assim, a nova base das CES substitui a base 2006, sendo consistente e comparável com a base 2011 das CNP.

A revisão dos resultados das CES refletiu mudanças metodológicas decorrentes da adoção do SEC 2010, alteração de procedimentos de cálculo e de alguns conceitos e, fundamentalmente, atualização e melhoria de qualidade/cobertura das fontes de informação mais relevantes, que originaram uma reavaliação significativa em alta dos principais indicadores da atividade, aumentando ligeiramente a sua importância relativa na economia nacional. As principais alterações são descritas nos pontos seguintes:

1. Implementação do Sistema Europeu de Contas 2010 (SEC2010)

De acordo com o SEC 2010, as despesas resultantes da aquisição de bens e serviços de investigação e desenvolvimento (I&D) ou de processos de desenvolvimento de I&D internos às organizações, passaram a ser registadas como investimento na rubrica FBCF. No SEC 1995, estas despesas eram consideradas nos custos de exploração e registadas como Consumo intermédio ou Remunerações. Assim, esta alteração contribuiu para a reavaliação positiva da FBC na base 2011. Contudo, no caso concreto da atividade silvícola e de exploração florestal em que esta rubrica não tem particular relevância, o efeito desta alteração não teve grande expressão.

2. Conceito de Serviços silvícolas e de exploração florestal: revisão da informação e inclusão de plantações não consideradas como investimento

O conceito de “Serviços silvícolas e de exploração florestal” foi revisto na base 2011, passando a considerar, para além da rubrica “Florestação e reflorestação” (correspondente a plantações de investimento e que foi alvo de algumas revisões no cálculo do valor das plantações de sobreiro, pinheiro-manso e eucalipto), a produção de “Outros serviços silvícolas”, com um conteúdo mais abrangente que na base anterior, determinando uma revisão em alta do valor global da produção nas CES. Esta rubrica passou a incluir também as plantações orientadas para produção de madeira e não consideradas investimento, como é o caso do pinheiro bravo.

3. Atualização e integração de novas fontes de informação

- Foram integrados dados mais atualizados de algumas fontes de informação, como a Informação empresarial simplificada (IES) e o Inquérito anual à produção industrial (IAPI), originando uma revisão em alta da Produção e Consumo intermédio.

- A informação de subsídios foi objeto de uma análise detalhada por beneficiário, tendo permitido uma apropriação e uma classificação mais correta das ajudas, de acordo com o SEC 2010, de que resultou uma revisão em alta das ajudas.

- Foram considerados os dados mais recentes do Inquérito ao emprego (IE), refletindo essencialmente as alterações associadas à integração dos resultados dos Censos.

4.4.1 Principais diferenças entre a base 2011 e a base 2006 das CES

Os impactos nas principais rubricas das CES, devido às alterações realizadas na nova base, são apresentados no quadro seguinte:

Contas Económicas da Silvicultura (valores a preços de base, correntes) Base 2011 vs Base 2006

Unidade: 10⁶ €

Ano 2011				
	B2006	B2011	B2011-B2006	(B2011-B2006)/B2006 (revisão em %)
Produção da silvicultura e exploração florestal	978,99	1099,96	120,97	12,4%
Produção de madeira	359,76	448,33	88,57	24,6%
Produção de cortiça	204,61	211,93	7,32	3,6%
Produção de serviços silvícolas e de exploração florestal	180,72	223,16	42,44	23,5%
Consumo intermédio	249,86	319,12	69,26	27,7%
Valor acrescentado bruto	729,13	780,84	51,71	7,1%
Consumo de capital fixo	108,14	91,59	-16,55	-15,3%
Valor acrescentado líquido	620,99	689,25	68,26	11,0%
Remuneração dos assalariados	109,68	96,84	-12,84	-11,7%
Outros impostos sobre a produção	2,17	2,17	0,00	0,0%
Outros subsídios à produção	16,89	25,53	8,64	51,2%
Rendimento dos fatores	635,71	712,61	76,90	12,1%
Rendimento empresarial líquido	507,55	599,65	92,10	18,1%
Formação bruta de capital fixo	91,88	90,43	-1,45	-1,6%
Volume de mão-de-obra silvícola	9,99	10,99	1,00	10,0%

4.5 Retropolação 1986-2009

Nos casos em que não se registaram alterações metodológicas, a retropolação da informação até 1986 foi efetuada com o máximo grau de detalhe, através de projeções das evoluções em volume e valor da base 2006. Nos casos em que foram observadas alterações (ex.: plantações de pinheiro bravo) procedeu-se ao cálculo de novos valores para toda a série.